



*VIDA, PAIXÃO E MORTE REPUBLICANA DE
DON RAMÓN FERNÁNDEZ Y FERNÁNDEZ:
A ANTI-SAGA DA IMIGRAÇÃO
GALEGA EM SALVADOR*

*VIDA, PAIXÃO E MORTE REPUBLICANA DE
DON RAMÓN FERNÁNDEZ Y FERNÁNDEZ:
THE ANTI-SAGA OF THE GALICIAN
IMMIGRATION IN SALVADOR*

Antón Corbacho Quintela¹
Universidade Federal de Goiás

Margareth de Lourdes Oliveira Nunes²
Universidade Federal de Goiás

Resumo: Na novela *Vida, Paixão e Morte Republicana de Don Ramón Fernández y Fernández* (ARAÚJO, 1987; 1990) são expostas imagens da imigração galega em Salvador entre as décadas de 1930 e 1970. Essa imigração foi observada em livros de viagens e constituiu o corpus e o objeto de pesquisas. Todavia, essa colônia só gerou repertório para um produto literário. Com base nas noções de *repertório* (EVEN-ZOHAR, 1997), de *habitus* (BOURDIEU, 1972) e de *comunidade nacional* (ANDERSON, 1998 [1983]), o objetivo é a observação da caracterização desses galegos na novela e explicar por que esse produto literário foi ignorado pela colônia galega em Salvador. Para a compreensão da questão, expõem-se, visando à comparação com o caso baiano, as narrativas em que os galegos, e espanhóis, em São Paulo e no Rio de Janeiro, foram representados. Em segundo lugar, indicam-se os resultados dos trabalhos acadêmicos focados na colônia galega soteropolitana. Finalmente, analisa-se o repertório da novela. Conclui-se que o retrato cáustico dessa colônia gerou o silenciamento da obra.

Palavras-chave: Imigração galega; Representações; Bahia; Néilson de Araújo.

¹ corbachoq@ufg.br

² mnunes@ufg.br

Abstract: *In the novel *Vida, Paixão e Morte Republicana de Don Ramón Fernández y Fernández* (ARAÚJO, 1987; 1990), images of Galician immigration in Salvador between the 1930s and 1970s are exposed. This immigration was observed in travel books and constituted the corpus and the object of research. However, this colony only generated repertoire for a literary product. Based on the notions of repertoire (EVEN-ZOHAR, 1997), habitus (BOURDIEU, 1972) and national community (ANDERSON, 1998 [1983]), the objective is to observe the characterization of these Galicians in the novel and explain why this literary product was ignored by the Galician colony in Salvador. To understand the issue, aiming at comparison with the Bahian case, the narratives in which the Galicians and the Spaniards, in São Paulo and Rio de Janeiro, were represented are exposed. Secondly, the results of academic works focused on the Galician colony in Salvador are indicated. Finally, the repertoire of the novel is analyzed, concluding that the caustic portrait of this colony generated the silencing of the work.*

Keywords: *Galician immigration; Representations; Bahia; Néelson de Araújo.*

INTRODUÇÃO

Em comparação com a quantidade de espanhóis e, em particular, de galegos³ que, ao longo do séc. XX, vieram ao Brasil como imigrantes⁴, foram escassos os produtos literários que mostraram esses trabalhadores transformados em matéria repertorial da ficção. É óbvio, no entanto, que não há nenhum motivo pelo qual uma determinada presença material de uma identidade estrangeira em um período em concreto deve virar tema literário em um sistema nacional. De fato, os imigrantes espanhóis no Brasil destacaram-se no século passado pela sua tendência ou, inclusive, pela determinação para se aculturarem nos campos sociais nacionais, havendo gerado, no campo cultural, escassas representações a respeito de si se comparadas com as geradas por outros contingentes de trabalhadores estrangeiros – italianos, libaneses ou japoneses, por exemplo.

³ Segundo o Instituto Nacional de Estadística (INE), da Espanha, nos dados divulgados para as eleições do Parlamento da Galiza aos 12 de julho de 2020, no Brasil havia cadastrados, com direito a voto nessa autonomia (estado), 43.158 galegos (INSTITUTO..., 2020). Em 1º de setembro desse ano, havia no Brasil um total de 115.163 espanhóis com direito a voto na Espanha (INSTITUTO..., 2020).

⁴ Em Quintela (2009, p. 231-5), expusemos as dificuldades para contabilizar os dados de imigração galega, especialmente porque nem as autoridades consulares espanholas nem os registros da imigração do Brasil quantificaram a presença de espanhóis discriminando as suas nacionalidades.

No campo literário, segundo a nossa pesquisa (QUINTELA, 2009), o primeiro romance publicado no Brasil cujos protagonistas são imigrantes espanhóis é *Máquinas para o progresso*, de Mario García-Guillén (1975), um jornalista espanhol – madrileno – chegado à cidade de São Paulo em 1961 junto aos seus pais, imigrantes. Para podermos, simbolicamente, contextualizar esse dado, repare-se em que no estado de São Paulo se estabeleceu, proporcionalmente, a maior quantidade de espanhóis – e de galegos – emigrados ao Brasil no séc. XX⁵. No livro *Máquinas para o progresso*, em que se narra a dramática história de amor do protagonista, são traçadas diversas descrições da laboriosa cotidianidade da colônia espanhola na capital paulista e, paralelamente, da mediocridade e da corrupção de alguns membros da elite dessa colônia. Trata-se da primeira ficção em que pode ser apreciado um retrato geral da coletividade de imigrantes espanhóis das décadas de 1960 e 1970, isto é, da segunda e derradeira onda de emigração ao estado de São Paulo por esses sujeitos, chegados, em sua maioria, ao Brasil, no início da sua juventude.

Poucos anos após a publicação de *Máquinas para o progresso*, foram publicados em São Paulo, por dois brasileiros não descendentes de espanhóis, três romances cujos protagonistas eram imigrantes espanhóis da primeira grande onda de imigração ao Brasil – entre as décadas de 1890 e 1920, ou seja, do período anterior ao abordado literariamente por Mario González-Guillén. Referimo-nos a dois romances de Eduardo Maffei, *A greve* (MAFFEI, 1978) e *A morte do sapateiro* (MAFFEI, 1982), e ao romance *Os andaluzes*, de Susana M. Dias Beck (1980). Nos três é abordado o modo de vida dos operários no estado de São Paulo, apontando-se a sua exploração, a articulação do movimento sindical revolucionário, com a influência de ideias anarquistas, e as lutas pela

⁵ Pelo censo brasileiro de 1920, mais de 70% dos imigrantes espanhóis no Brasil residiam no estado de São Paulo, ou seja, 219.142 espanhóis. (GOVERNO..., 2021).

reivindicação de melhores condições de trabalho e vida durante a República Velha.

Em *Os andaluzes*, o drama do protagonista – um pobre sapateiro andaluz, bonachão e ignorante de política, assentado no interior paulista, é a sua incapacidade para negar que ele não se enquadra na representação que os seus vizinhos trabalhadores consideram que é inerente a um espanhol: um militante libertário, com iniciativa e capacidade para articular a contestação operária.

No último quarto do séc. XX, foram publicadas algumas poucas obras literárias cujos protagonistas eram filhos ou netos de imigrantes espanhóis no estado de São Paulo. Referimo-nos ao romance *Raboné, de Colono a Professor*, de Raimundo Pastor (1974), ao livro de memórias *Um imigrante e a revolução*, de Eduardo Dias (1983) e ao conto *Nas ruas do Brás*, de Drauzio Varella (2000).

Contudo, as etopeias das personagens dessas obras, tanto os espanhóis imigrantes quanto os seus descendentes, não manifestam traços identitários além dos cabíveis nos trabalhadores estrangeiros chegados ao Brasil nos períodos das grandes migrações do séc. XX: pessoas de origem humilde, camponeses, que desembarcaram com o ânimo de, com esforço e constância, melhorar o seu modo de vida e criar condições promissoras para os seus descendentes. No caso das personagens das obras acima mencionadas, mostra-se, também, que, embora elas sintam saudades pelo lugar de origem e sejam mantidas relações com patrícios, foi possível a sua plena adaptação à sociedade brasileira e a decorrente integração. O único traço particular de algumas das personagens é a sua associação ao sindicalismo revolucionário, havendo-se gerado a inferência de que ser espanhol pudesse também indicar a tendência a manifestar posicionamentos libertários. Essa representação de imigrante idealista e rebelde foi inclusive desenvolvida em um romance publicado na Espanha com o título *Sucedió en Brasil* (CASAS, 1985). O protagonista é um jovem idealista espanhol – galego – que, depois de não haver conseguido

promover a revolução em São Paulo, viaja até a fronteira do Brasil com o Uruguai na procura de apoio para a sua causa, mas sem sucesso.

Na ficção cujo espaço é o Rio de Janeiro – o segundo destino, quantitativamente, dos imigrantes espanhóis⁶ – e cujas personagens são imigrantes galegos nessa cidade não localizamos a elaboração da etopeia que vincula ideologia anarquista ao retrato desse trabalhador estrangeiro. Há, no entanto, algumas poucas obras em que os espanhóis são caracterizados como mafiosos envolvidos com o jogo do bicho e com a prostituição. No romance *Agosto*, Rubem Fonseca (1990, p. 10) aponta o seguinte: “O comissário acreditava que Rosalvo não recebia suborno dos bicheiros nem dos espanhóis que exploravam o lenocínio”. A associação de imigrantes galegos com a violenta máfia carioca do jogo e do proxenetismo aplica-se também às personagens do romance *Los números del elefante*, de Jorge Díaz (2009).

Todavia, em 1984, no Rio publicou-se o grande romance da imigração galega – *A República dos Sonhos*, de Nélida Piñon, em que não aparecem personagens vinculadas nem ao anarquismo nem a máfias urbanas. Nessa narrativa, a exposição das trajetórias das gerações da família Madruga permite mostrar a luta dos imigrantes galegos no Rio na procura da sua formação profissional e do sucesso mediante o árduo trabalho e acertados investimentos empresariais sem, para isso, terem se envolvido em um processo de aculturação no Brasil que derivasse na perda dos vínculos com a Galiza e no abandono dos traços identitários. De fato, as reflexões a partir das experiências na vida no Rio servem ao protagonista para se autorreconhecer como galego e levam-no a manter a sua identificação com a causa nacional galega. Os materiais de repertório sobre a imigração galega no Rio selecionados por Nélida Piñon na estruturação de *A República dos sonhos* com vistas a desenvolver um argumento

⁶ Durante a década de 1950, desembarcaram na, então, Capital Federal 51.541 imigrantes espanhóis (BROULLÓN, 2010, p. 12).

sobre a contribuição desses imigrantes à formação do povo brasileiro foram analisados por M. Carmen Villarino Pardo no estudo *Aproximação à obra de Nélide Piñon* (VILLARINO, 2000).

A partir das onze narrativas acima apontadas não é possível observar que as personagens que representam imigrantes espanhóis compartilhem, nos seus *habitus* (BOURDIEU, 1972), traços distintivos frente aos associáveis a um imigrante genérico. As personagens desses romances são estrangeiros que buscam, por meio do seu trabalho, alcançar a fortuna; além disso, embora mantenham relações com patrícios, não foram caracterizados, no seu conjunto, como sujeitos estreitamente ligados a *comunidades imaginadas* nem preocupados por estabelecer comunhões nacionais em entidades dedicadas às mutualidades, à socialização e ao lazer, isto é, em clubes de estrangeiros. Uma parte dessas personagens foi concebida como operários libertários e contestatários, mas desses traços não se depreende a fixação de um modelo repertorial (EVEN-ZOHAR, 1997) na ficção brasileira. Partindo dessa ponderação, serão observadas quais representações sobre os imigrantes espanhóis foram criadas na ficção publicada em Salvador, o terceiro grande polo de concentração desses trabalhadores estrangeiros.

1 A REIVINDICAÇÃO DA PRESENÇA ESPANHOLA NA BAHIA

Séculos antes da chegada massiva de imigrantes galegos à Bahia, houve presença galega nesse espaço, embora descontínua. Há documentos ao respeito, mas, a partir deles, não foram geradas representações pelos imigrantes galegos assentados em Salvador no final do séc. XIX; isto é, os coletivos desses imigrantes não reivindicaram esses antecedentes.

Havia já um galego na esquadra de Cabral. Foi o Mestre João, o físico-astrônomo galego dessa frota, quem ao primeiro de maio de 1500, na costa da

Bahia, redigiu, em castelhano, para El-Rei D. Manuel uma carta. Nela informava-se, por primeira vez, da latitude do Brasil e foi desenhado o grupo cruciforme das estrelas denominadas Cruzeiro do Sul (QUINTELA, 2004). Apesar do simbolismo de Cruzeiro do Sul no processo de construção da identidade brasileira, o mestre João não foi reivindicado nem por instituições e agentes culturais da Espanha nem pelas entidades dos imigrantes galegos nos séculos XIX e XX para incidir na antiguidade dos vínculos mantidos com o Brasil.

Um acontecimento na história colonial da Bahia durante a União Ibérica, embora não tenha sido explorado pelas associações de imigrantes galegos em Salvador, foi, desde meados do século passado e até o início deste, recorrentemente usado pela diplomacia espanhola e por agentes culturais do Estado Espanhol, para destacar, do discurso da hispanidade, um estreito vínculo entre a Bahia e a Espanha. Trata-se da recuperação da cidade de Salvador aos 30 de abril de 1625 por uma esquadra ibérica ao mando de Fadrique de Toledo, a qual fora ocupada pelos holandeses em 10 de maio de 1624. O acontecimento da retomada gerou uma comédia de Lope de Vega – *El Brasil Restituído*⁷, datada em 23 de outubro de 1625 – e uma tela de Juan Bautista Mayno, que se encontra no Museo del Prado, dois produtos que instituições culturais de cunho oficial espanhol têm recorrentemente usado para ressaltar os laços culturais hispano-brasileiros (SANTOS; QUINTELA, 2006; QUINTELA, 2009, p. 274-86).

Em 1951, a *Revista de Indias*, do Consejo Superior de Investigaciones Científicas, de Madri, publicou o artigo *El primer emigrante español en Brasil*, de Alberto Silva, em que se se adjudicava ao marinheiro castelhano Felipe de Guillén, desembarcado com ânimo colonizador em 1537, o título de primeiro

⁷ No Brasil, a primeira edição de *El Brasil Restituído* foi elaborada em 1957 por P. Núñez Arca (ARCA, 1957). A última edição dessa comédia até o momento publicada data de 2011 e foi publicada pela *Consejería de Educación* da Embaixada de Espanha (HAZ; SERRA, 2011).

imigrante espanhol no Brasil, especificamente nas capitanias nordestinas. Contudo, nem em outros discursos nem em atos simbólicos foi ensaiada a exploração simbólica da história e da cultura em comum na época colonial para realçar comunhões identitárias entre a Bahia e a imigração espanhola em geral.

2 A INVESTIGAÇÃO SOBRE OS GALEGOS NA BAHIA

Desde que, em 1972, Célia Maria Leal Braga defendeu a tese *Os Espanhóis em Salvador: Análise Sociológica das possibilidades de assimilação de um grupo de imigrantes*, o objeto *imigrantes galegos na Bahia* tem sido estudado por parte da academia, especialmente da Universidade Federal de Bahia. A esse trabalho de Leal Braga seguiram-se os trabalhos de Martin (1979), Bacelar (1983), Albán (1983), Bacelar (1994), Braga (1995), Alcofarado e Albán (1996), Bacelar (1997), Albán (1998), Vidal (1999), Leal (2002), Leira (2002), Silva (2003), Brandão (2005), Viana (2016). Como resultado dessas pesquisas pode-se concluir que a história da imigração galega na cidade de Salvador foi, com pertinência científica, bastante analisada, tendo sido mostrados os processos de integração dos galegos e as suas contribuições nos campos sociais soteropolitanos.

Nesses estudos foram mostradas tanto as estratégias seguidas por esses imigrantes para obterem o sucesso econômico no comércio na capital da Bahia e o conseqüente reconhecimento social quanto as dificuldades e os conflitos que esses sujeitos enfrentaram até conseguirem a sua integração na sociedade de Salvador. Assim, nos trabalhos mencionados, mediante entrevistas e pesquisa documental, especialmente em periódicos, foi observado como esses trabalhadores estrangeiros, havendo superado os preconceitos e o desprezo de que foram alvo entre o final do séc. XIX e a primeira metade do século passado, foram aderindo às disposições dos grupos sociais dominantes locais. Por outro lado, foi estudada a criação de entidades que, por um lado, permitiam a

agregação da colônia de patrícios em torno aos socorros mútuos e ao lazer, e, por outro, a projeção de imagens de poder na capital baiana; trata-se da Sociedad Española de Beneficencia (fundada em 1885), do Centro Español (1929) e do Galícia Esporte Clube (1933).

Antes de a presença galega em Salvador ser objeto de estudo por parte da academia, alguns poucos viajantes espanhóis publicaram livros com as suas impressões acerca da Bahia em que inseriram reportagens sobre os imigrantes galegos na capital. Referimo-nos aos jornalistas madrilenos F. Gómez de Otero e José Burriel Muñoz, autores da obra *Bahia, orgullo del Brasil* (GÓMEZ; BURRIEL, 1929) e ao ensaísta e diplomata, também madrilenho, Ernesto Giménez Caballero, autor de *Bahia de Todos os Santos e de Todos os Demônios* (GIMÉNEZ, 1958).

O livro de Gómez de Otero e Burriel Muñoz é uma publicação propagandística da gestão do governo do estado de Bahia e das possibilidades de exploração do território, visando a fomentar a chegada de trabalhadores estrangeiros. Está escrito em espanhol, foi publicado pela Imprensa Oficial do estado e é dedicado ao governador e à colônia espanhola. Dessa colônia destaca-se a sua capacidade para o trabalho, a sua honradez, o sucesso no comércio e a adequada inserção na sociedade local.

Por sua vez, a obra de Ernesto Giménez Caballero foi publicada em português pela Universidade da Bahia; nas impressões registradas no livro contêm-se apontamentos sobre a história baiana – incluindo o período da União Ibérica, a identidade afro-brasileira, o patrimônio artístico de Salvador e a colônia de imigrantes espanhóis. Dessa colônia, Giménez Caballero salienta a qualidade das suas instituições – o hospital e o clube – e a sua coesão, ou seja, o fato de ele não ter percebido conflitos entre esses sujeitos devido a questões ideológicas ou nacionalistas. Deve entender-se que, no caso de Giménez Caballero, fascista, fundador da Falange Espanhola e funcionário do regime do

general Franco, essa observação denotava que ele tinha julgado que a maioria dos imigrantes galegos na Bahia simpatizava com o regime político que ele representava.

Em 2011, o poeta Xavier Rodríguez Baixeras publicou em Vigo (Galiza) o livro *Brasil no Centro*, posteriormente publicado em Salvador com o título *No Brasil: páginas de um diário* (RODRÍGUEZ, 2016). A obra é um diário de viagens; nela, sobretudo, foram reunidas as reflexões do autor acerca das suas vivências durante a sua estadia em Salvador. Assim, há apontamentos sobre o campo literário brasileiro, a gastronomia baiana, a política brasileira, a arquitetura e o urbanismo de Salvador, o folclore, a religiosidade, os problemas sociais e, em geral, sobre o cotidiano em que ele reparou durante a sua permanência na capital baiana. Baixeras menciona também o seu encontro com os participantes de um congresso de estudos galegos havido na Universidade Federal de Bahia e o seu convívio com alguns jovens profissionais da Galiza que eram leitores de língua galega na universidade. Ele diz haver reparado no Clube Espanhol, na entidade cultural Caballeros de Santiago e no Hospital Espanhol, mas, ao se referir à imigração galega, ele não a enxerga como um fenômeno atual, mas, sim, como um fato do passado, portanto, encerrado, que contribuiu à formação dos campos sociais soteropolitanos.

No espaço urbano de Salvador, dentro do campo literário, duas personagens secundárias foram compostas revestindo-se de representações presumivelmente inerentes à identidade do imigrante espanhol. Do romance *Gabriela, cravo e canela*, de 1958, de Jorge Amado (2006), faz parte a personagem Felipe – um sapateiro tagarela, sujeito libertário e exagerado, mas simpático e bonachão, que fala *portunhol* e é visceralmente anticlerical. Em 1961 foi publicada a obra de teatro *O pagador de promessas*, de Alfredo de Freitas Dias Gomes (2005). Nessa peça, na didascália do Primeiro Quadro, informa-se que, frente à Igreja de Santa Bárbara, no centro de Salvador, havia uma mercearia

cujo proprietário era o *Galego*; não é dado outro nome a essa personagem. Ele é retratado como um homem ganancioso, mas ingênuo e bom.

Conclui-se, pois, que, se bem sobre os imigrantes galegos em Salvador foram produzidas escassas representações na narrativa literária cujo espaço foi essa cidade, a presença desses sujeitos, no entanto, tem sido bastante investigada, das ciências humanas e sociais, desde a década de 1980, na academia brasileira, particularmente na Universidade Federal da Bahia. Além disso, infere-se que, frente ao acontecido na cidade de São Paulo ou no Rio de Janeiro, nenhum imigrante galego na Bahia decidiu publicar no séc. XX um conto ou um romance com um argumento em torno aos trabalhadores galegos na capital baiana. Ou seja, os imigrantes galegos em Salvador não usaram a literatura para projetar representações sobre si.

Houve, porém, uma exceção, a novela *Vida, paixão e morte republicana de Don Ramón Fernández y Fernández* (ARAÚJO, 1987), cujo assunto são as disposições coletivas da comunidade galega em Salvador e cujo protagonista é um *enfant terrible* dessa comunidade, o relojero Ramón Fernández. Sobre essas disposições são criadas, no discurso literário, estereótipos e representações. Perante o cômputo de narrativas publicadas em Salvador no séc. XX consta, pois, uma obra – uma novela, com duas edições, em 1987 e 1990, em que esses galegos não aparecem tangencialmente; eles constituem o principal foco do conteúdo.

3 A REPRESENTAÇÃO DAS ATITUDES E DO COMPORTAMENTO DOS GALEGOS EM *VIDA, PAIXÃO E MORTE REPUBLICANA DE DON RAMÓN FERNÁNDEZ Y FERNÁNDEZ*

Em *Vida, paixão e morte republicana de Don Ramón Fernández y Fernández* não se questiona que os imigrantes galegos sejam indivíduos empenhados no

trabalho e obcecados pelo lucro. Eles são retratados como pessoas que, sendo pobres e com escassa instrução escolar, saíram do seu país com o claro propósito de, aplicando-se no comércio e nos serviços urbanos, terem sucesso e se projetarem socialmente, tanto entre a sua comunidade de patrícios quanto na sociedade nativa soteropolitana. Questiona-se, no entanto, o talento desses galegos; eles, da paródia e com sarcasmo, foram retratados, com algumas poucas exceções, como sujeitos mesquinhos, individualistas, dedicados à ganância e temerosos de perder o favor das autoridades e dos poderes fáticos locais.

Cabe, então, perguntar-se qual era o plano do jornalista, professor e produtor literário Néelson de Araújo (1926-1993) quando decidiu escrever uma novela em que traçava um cáustico argumento em torno da cotidianidade de uma comunidade notável na capital baiana entre as décadas de 1930 e 1970.

O sergipano Néelson de Araújo publicou a novela *Vida, paixão e morte republicana de Don Ramón Fernández y Fernández* quando levava mais de quatro décadas residindo em Salvador e quando fazia mais de três décadas desde que tinha publicado o seu primeiro livro de ficção. Em 1987, além de haver-se consolidado como produtor literário – narrativa breve e drama, era um reputado editor, teatrólogo e analista da história do campo cultural baiano e dos campos sociais baianos em geral⁸.

Poder-se-ia, pois, inferir que a incorporação dos galegos soteropolitanos aos temas do repertório literário de Néelson de Araújo fazia parte da tendência do autor a tratar literariamente objetos da cotidianidade da sociedade baiana. No entanto, a concepção realista da novela de Araújo mostra um profundo e muito específico conhecimento, por parte do produtor literário, tanto da

⁸ Lourdisnete S. Benevides (2020), em homenagem ao escritor Néelson C. de Araújo, publicou recentemente um artigo expondo e analisando o labor profissional e a produção dele como jornalista, escritor, repórter, teatrólogo, ensaísta, tradutor, revisor, editor, fotógrafo, documentarista, laboratorista, pesquisador dos folguedos populares e professor da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia.

história da colônia galega em Salvador quanto das relações sociais no seio dessa colônia e do *habitus* de muitos imigrantes. Ou seja, embora o produtor literário possa ter recorrido a abundante documentação, o discurso da obra transparece o estreito e continuado convívio de Nélon de Araújo com membros da colônia.

A publicação da novela coincide com o início, na academia, das pesquisas sobre a imigração galega em Salvador da Universidade Federal da Bahia, da qual Nélon de Araújo era professor; poucos anos após a publicação da novela de Araújo, Bacelar citou, inclusive, essa obra para exemplificar a escassez de imigrantes galegos que se mantiveram leais à II República Espanhola e para salientar a marginalização que esses galegos padeceram do resto da colônia e a perseguição da que foram objeto por parte das autoridades brasileiras:

Em criação das melhores da literatura brasileira, Nelson de Araújo traça a saga do republicano Don Ramón Fernández y Fernández, “galego de exceção, a quem nunca atraíram as fortunas e falácias deste mundo”. De forma passional é mostrada a pressão do grupo galego, o isolamento familiar, a amizade e a traição na comunidade, o conformismo e a dura repressão, a envolver o galego republicano por mais de meio século na Velha Bahia. (1994, p. 168-69).

O conhecimento que, para traçar o discurso da novela, provou ter Nélon de Araújo mostrava a dedicação dele à reunião de informações sobre a história dos imigrantes galegos na Bahia entre as décadas de 1930 e 1970. Nélon de Araújo documentou-se exaustivamente para a composição dos cenários e para a caracterização dos tipos salvadorenses. É provável que o conhecimento de Nélon de Araújo dessa colônia tenha sido pessoal e direto⁹; a novela foi, de fato, dedicada a um imigrante galego – “À memória de Eduardo López y

⁹ Referimo-nos ao parentesco de Nélon de Araújo com um imigrante galego. Cf.: Carmen..., 2021.

López, republicano” (ARAÚJO, 1987, p. 7), destacado membro do associacionismo dessa colônia¹⁰ e possível substrato do protagonista.

4 AS DUAS EDIÇÕES DE *VIDA, PAIXÃO E MORTE REPUBLICANA DE DON RAMÓN FERNÁNDEZ Y FERNÁNDEZ*

Em três anos, *Vida, paixão e morte republicana de Don Ramón Fernández y Fernández* teve duas edições, ambas publicadas em Salvador. A primeira – a do ano 1987 – recebeu a chancela das Edições Ianamá; a segunda, de 1990, é das Edições O ViceRey. A segunda é uma edição revista; ambas mantêm as mesmas dedicatórias: a de “Eduardo López y López”, acima apontada, e a seguinte, “Para meu filho Augusto, este conto e os acordes das ‘Noites nos jardins de Espanha’, de Manuel de Falla”. Em ambas, na folha de guarda, além de um agradecimento às revisoras dos textos em castelhano, foi inserido o seguinte esclarecimento – Nota de Autor, contendo, no nosso parecer, uma sutil ironia: “Os nomes e sobrenomes galegos (...) nada têm a ver com os porventura existentes na Bahia. Se idênticos, resultam do limitado número de nomes e sobrenomes em qualquer população galega” (ARAÚJO, 1987, p. 4; 1990, p. 2).

Ao longo da leitura da obra percebe-se que, realmente, esses sobrenomes coincidem com os de sujeitos que fizeram parte da história da colônia galega em Salvador. Devido a isso, e descartando a seriedade da explicação dada de que, na Galiza, há pouca variedade na onomástica, deduz-se que essa coincidência é proposital. Na segunda edição, a modo de *dramatis personae*, consta a relação das principais personagens da novela, indicando-se o nome, a sua ocupação profissional e, em alguns casos, a sua relação com o protagonista; o conjunto é

¹⁰ No n. 4.284, de 23 de março de 1920, do *Diario Español*, Eduardo López y López é indicado como vice-presidente eleito da Assembleia Geral da *Real Sociedad Española de Beneficencia* da Bahia (Real..., 1920, p. 2).

formado por comerciantes e profissionais liberais, policiais, prostitutas e mendigos.

Na primeira edição, *Vida, paixão e morte republicana de Don Ramón Fernández y Fernández* compartilhou volume com as novelas *O império do Divino visto pelos olhos de Pisa-Mansinho* e *Aventuras de um caçador de arcas em terra, mar e sonho*, sob o rótulo *Três novelas do povo baiano*. Para a segunda edição, a novela ocupou um volume exclusivo¹¹ e recebeu, na capa, uma ilustração simbólica, isto é, a reprodução do carimbo de uma livraria, com a seguinte especificação: “Carimbo do livreiro Francisco León Santos, proprietário da extinta Librería Española, em Salvador. Na primeira década do século a livraria já existia como ‘Libros Españoles’, na Rua do Colégio, 33” (ARAÚJO, 1990, p. 2).

A novela divide-se em quatro capítulos – Mouros em Espanha, Viva La Muerte!, A Librería Española e Ressurreição e morte na fortaleza¹² – na primeira edição, duplamente datada na Bahia: “junho-agosto de 1984, dezembro de 1986” (ARAÚJO, 1987, p. 79). A segunda edição, datada em “setembro-dezembro de 1989” (ARAÚJO, 1990, p. 103), não é, exatamente, uma edição revista; ela contém um quinto capítulo – A construção do medo – em que se continua a novela. O discurso do relato é guiado pela voz de um autor onisciente que, nesse quinto capítulo, se transforma em protagonista. A visão e a voz que regem o discurso são, assim, as da testemunha André Pérez, quem, por um lado, conheceu Ramón Fernández y Fernández, pois seu pai chegara de navio, da Galiza à Cidade da Bahia, junto ao relojero e viraram amigos, e quem, por outro lado, teve acesso às memórias que Ramón Fernández y Fernández deixara escritas. Não há neutralidade no autor fictício; André Pérez mostra clara simpatia e, inclusive, admiração, ao longo de todo o relato, com o protagonista Ramón.

¹¹ *O império do Divino visto pelos olhos de Pisa-Mansinho* também recebeu, em 1984, pelas Edições O ViceRey, uma edição própria (Araújo, 1984).

¹² Na segunda edição, o quarto capítulo intitula-se *Na Fortaleza do B...* (Araújo, 1990, p. 61).

A novela converte-se, assim, em uma biografia de Don Ramón – a narrativa da sua “vida, paixão e morte republicana”. Na agonia que padece a personagem Don Ramón intervieram tanto a marginalização dele que provocara a colônia galega quanto a repressão sobre ele das autoridades baianas da ordem pública. A respeito da colônia galega retratada na obra, criam-se dois grupos antagonistas: o grupo majoritário é formado por sujeitos rudes e avarentos, obcecados pelo sucesso econômico dos seus negócios e pela decorrente projeção prestigiosa entre patricios e naturais. Esse grupo tenta evitar, portanto, qualquer gesto ou ação que possa prejudicar a sua imagem de gente ordeira. Frente a esse grupo, está o círculo minoritário de Don Ramón, formado por pessoas cultas, livres, sensíveis e preocupadas com a justiça social. É um grupo que, ao longo de relato, vai diminuindo até o ponto de desaparecer, ficando Don Ramón como o único sujeito mantedor explícito dos valores “republicanos” e sendo o autor fictício o seu sucessor.

Considerando-se a biografia de Don Ramón, a novela inicia-se *in medias res*, precisamente quando se dissolve o grupo de Don Ramón, pois os outros membros perceberam que a Guerra Civil Espanhola estava perdida para a causa republicana. Nesse momento, o autor faz os seus primeiros apontamentos sobre a personalidade do relojero:

Brasileiro, pelas leis e carimbos do Governo, nunca desejou ser. Não que lhe faltasse amor à nova pátria, era mais baiano e brasileiro do que muitos que o julgavam ser, mas porque se lhe entranhara o postulado socialista segundo o qual as fronteiras não passam de invenções da burguesia. Ao contrário dos outros imigrantes – repete-se para que de pronto se saiba – don Ramón não havia aportando na Bahia para amealhar dinheiro, e sim para a contemplação e a poesia (ARAÚJO, 1987, p. 9).

Já no primeiro capítulo, é retratado um antagonista de Don Ramón, Pepito Bermúdez, que personifica os valores e as atitudes diametralmente contrárias às dele. Pepito Bermúdez, ignorante e oportunista, representa a cínica

acomodação às posições politicamente corretas e convenientes. Ele tinha sido membro do “Cenáculo”, mas, ao ser informado dos avanços das tropas do general Franco, não só o abandona; no segundo capítulo narra-se, da sátira, a passagem plena dele ao bando fascista, com o qual ele obtém, momentaneamente, o respeito da maioria da colônia galega. Aponta-se também que ele se mostra germanófilo e antissemita. A partir de então, sem ter suficiente competência, dá aulas de língua espanhola, encarna o conservadorismo reacionário e discursa em louvor da fidalguia da Espanha, e compõe, causando a mofa de patrícios e locais, péssima poesia sobre o que ele considerava que eram as essências nacionais espanholas.

Nesse segundo capítulo caracteriza-se, com ânimo de ridicularização, o “Club de España”. Esse clube é apresentado como a principal associação dos imigrantes galegos, destinada à socialização entre eles e ao recreio; a imagem que o clube pretende projetar de si é, segundo o autor, a de um espaço em que se reúnem pequeno-burgueses, laboriosos e puritanos, em harmonia com as missões que se proponham as autoridades baianas. Dessa entidade se diz que, durante a II República Espanhola, era maioritário o número de sócios que apoiava esse regime, mas, quando se prenunciava que o Exército Franquista venceria na Guerra Civil, as mesmas pessoas favoráveis à II República mudaram de causa, assim como mudariam de novo ao, na década de 1970, se redemocratizar a Espanha.

Ora, quando, no final da década de 1930, a Direção do “Club de España” se manifestou, de um modo explícito, em favor do franquismo, decidiu, paralelamente, expulsar Don Ramón sob a justificativa de ele se manter fiel à II República. No terceiro capítulo – A Librería Española – descreve-se o ambiente e a circunstância em que Don Ramón recebeu, da Direção do Clube, a notícia de que ele fora expulso por terem sido recebidas denúncias anônimas pelas quais ele era acusado de ser um espião da República Espanhola:

Numa noite de sábado, resolveu aparecer no Club de España, do qual era sócio de pouca frequência, lá ia, de raro em raro, atraído pelas revistas espanholas recebidas. Tinha havido modificações no salão de festas, encontrou-o recoberto de bandeiras espanholas e retratos do Caudillo e de Getúlio Vargas. Na parede do fundo, haviam estendido uma faixa pintada com os seguintes dizeres, em grandes letras de desenho mal finalizado: “Franco Salvación de España”. (ARAÚJO, 1987, p. 34).

Junto ao “Cenáculo” e ao “Club de España”, o autor menciona uma terceira entidade associativa dos imigrantes galegos em Salvador, a “Orden de los Paladines de Galicia”, criada para vincular os galegos que se auto-avaliavam como mais ilustrados. Assim é descrita pelo autor:

A duras penas conseguiu reunir-se três vezes, a primeira para aprovar o nome e o emblema (os contornos do mapa da Galícia), a segunda para eleger a diretoria e o dístico, extraído de um verso de Rosalía de Castro, a poetisa galega: “Galicia, a casa onde nascin”; por consenso escolheu-se grão-mestre da confraria aquele que a havia concebido, o Dr. da Cal. A derradeira, já de ordem do dia inócua e tediosa, para tomar conhecimento, durante o expediente, de uma moção de censura do Club de España aos espanhóis da Bahia que “insistiam em nutrir, nesta hospitaleira cidade, ideais republicanos, subversivos e proibidos pelas leis das duas Pátrias irmãs”. (ARAÚJO, 1987, p. 16).

Os presumíveis idioletos dos imigrantes são reproduzidos e comentados na novela. Essa caracterização das falas dos imigrantes revela o grande grau de conhecimento que Néelson de Araújo tinha dos pormenores que distinguiam a colônia galega. No fragmento a seguir, é explicada a causa de Don Ramón se expressar quase sempre em castelhano. Refere-se ao momento em que Don Ramón dialoga com outro imigrante, Manolo Trigo, proprietário de uma funerária, sobre a Guerra Civil Espanhola. O autor salienta que Manolo Trigo falava uma interlíngua de castelhano e português:

– O pensamento es como o sol y la lluvia. Mándanos Dios y as circunstâncias. No digo que la Republica no es buena. Es buena, sí, para los

pobos civilizados. Nosotros, os españoles, necesitamos de mano firme. De 'chibata', como se dice en Bahía. (ARAÚJO, 1987, p. 26).

As personagens galegas expressam-se ou em espanhol ou em português ou, em sua maioria, nessa interlíngua, um socioleto da colônia de imigrantes recriado por Araújo e claramente exemplificado nesse diálogo de Don Ramón com Manolo Trigo.

Após o diálogo em que Manolo Trigo tenta justificar, perante Don Ramón, a sua adesão ao bando fascista, a personagem Manolo pergunta a Don Ramón por que ele se expressava em espanhol:

- Ramón, hace mucho queria fazer-te uma pergunta: por que nunca falas en galego?
- Tampoco tú lo haces, Manolo – disse, levantando-se. Bueno, debo partir. Lengua, aire y luz! Tú no los tienes aquí. (ARAÚJO, 1987, p. 27).

O conjunto da colônia de imigrantes galegos fica também satirizado por meio do relato da experiência de Don Ramón com a sua livraria. Ele, relojero, decidira abrir também uma pequena livraria onde comercializar livros importados de Madri. Os seus clientes não eram outros galegos, mas alguns poucos leitores brasileiros. A exceção era um sefardita descendente de uma família que procedia da província de Pontevedra, quem se apresentou, como se segue, a Don Ramón:

- (...) Sou Salomon ben Judá, nasci em Salonica. Reza o passaporte que sou grego. Meus pais, judeus sefarditas, deram-me este nome um tanto ortodoxo. Mas a minha alma é espanhola, embora jamais haja entrado – e por isso mesmo – no Club de España. Mudei o meu nome para Pablo. Pablo, nada mais. É assim que os espanhóis e os baianos me conhecem. Já ouviu falar de mim?
- (...) Vim lhe render homenagens ao ouro do caráter. Admita, em seu coração, que viajei desde Pontevedra do século XV, de onde os meus antepassados foram expulsos, para lhe prestar esta homenagem e dizer-lhe que não está só. O senhor não está só. Somos muitos a seu lado. (ARAÚJO, 1987, p. 40).

No processo de marginalização de Don Ramón por se manter fiel à causa republicana, os seus patrícios não só o expulsaram do Clube e não compram livros na pequena livraria; eles deixam de levar os seus relógios para conserto na loja de Don Ramón e, inclusive, o denunciam, no final da década de 1930, perante o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) da Bahia acusando-o de comunista e subversivo. Voltou a ser denunciado quando no Brasil aconteceu o Golpe de Estado de 1964. Dos inimigos de Don Ramón, José María Trigo, proprietário de uma farmácia – a Farmácia Orense, é retratado como o mais reacionário, vil e arrogante, e ressentido com Don Ramón. Essa personagem é o fascista que encaminha as denúncias contra Don Ramón ao DOPS.

Nos capítulos terceiro e quarto – “A Librería Española” e “Ressurreição e morte na fortaleza” (“Na Fortaleza do B...”, na segunda edição da novela) – narra-se o crepúsculo de Don Ramón. Ele, envelhecido, doente e quase totalmente isolado dos seus patrícios, passa os dias despachando na relojoaria e na livraria, e lendo e dialogando com uns poucos amigos. Além disso, a sua esposa abandona-o, regressando a Pontevedra, na Galiza, e os seus dois filhos, retratados como sujeitos brancos só preocupados com a própria sobrevivência, encaixados nos estereótipos do resto da colônia, o desprezam. A velhice de Don Ramón é ainda perturbada por nova perseguição que padece pelo DOPS após o Golpe de 1964. Ele, como consequência disso, teve que se esconder, em Cachoeira, no interior do estado.

Quando Don Ramón regressou a Salvador, sofreu um infarto, enquanto lia *La vida es sueño*; assim, estando sozinho, faleceu aos 65 anos. O cortejo do enterro foi formado por muito poucas pessoas, ou seja, dois galegos e uma galega. Os dois filhos de Don Ramón estavam fazendo negócios na cidade de São Paulo e não compareceram. Ao voltarem a Salvador foram ao escritório do

pai para pegarem os objetos que lhes interessavam. Deixaram abandonados os livros e os escritos do pai, incluindo as memórias; foi esse o momento em que elas foram recolhidas pelo autor fictício. Esse autor – André Pérez – posteriormente foi detido e torturado pelo DOPS acusado de trabalhar em um periódico, *O Defensor do Recôncavo*, que “se aventurara a publicar uma tímida nota editorial favorável ao deposto Presidente João Goulart” e que “vinha veiculando comentários sobre a má administração do prefeito, adepto da nova ditadura” (ARAÚJO, 1987, p. 74). Durante a sua detenção, um delegado – o Dr. Clóvis – diz ao autor fictício que Don Ramón ainda vivia. Surge, em decorrência disso, uma situação delirante em que o autor ouve Don Ramón sendo interrogado e torturado antes de ser fuzilado. O cadáver de Don Ramón acaba sendo jogado na cela do autor fictício e ele lembra o momento em que, sendo criança, conhecera o relojeiro; assim acaba a edição de 1987:

Era a segunda e verdadeira morte do republicano Ramón Fernández y Fernández. Uma terceira, uma quarta, uma nona, uma centésima teria que haver, se necessária à vontade do carrasco, já lhe haviam advertido no passado. Retiraram-se todos, sem alarde, como tinham entrado, deixado o cadáver na cela. De novo o chape-chape no pátio. A grade permaneceu aberta, mas assim não ficou muito tempo. Apareceu o Dr. Clóvis para cerrá-la, estender a cortina e desligar a lâmpada. Trevas e solidão. Dobrei os joelhos para dizer a oração que o Filho ensinou. Foi o que vi. Quando me libertei, compreendi tudo. “É necessário pensar. É necessário pensar... Se não pensas, não serás homem”, foram as primeiras palavras que don Ramón me dirigiu. (ARAÚJO, 1987, p. 79).

Com esse encerramento, a novela, em sua primeira edição, completa a estruturação de uma descrição que divide o conjunto dos imigrantes galegos na capital da Bahia, de um planejamento radical e explicitamente maniqueísta, entre os maus, materialistas, ignorantes e interesseiros e os bons, idealistas, cultivados e generosos. O desequilíbrio na tensão entre ambas as partes está radicado em que o primeiro grupo, escarnecido e desprezado, é o maioritário e, o segundo – o digno e heroico, descrito inicialmente como escasso, acaba sendo

circunscrito a Don Ramón Fernández y Fernández e aos seus poucos interlocutores. Embora esteja, como contraponto, a trajetória de Don Ramón, a saga da imigração galega na Bahia é, conseqüentemente, no discurso da novela, uma representação negativa desse coletivo.

Devido à falta de depoimentos publicados de Néelson de Araújo e à ausência de fortuna crítica a respeito de *Vida, Paixão e Morte Republicana de Don Ramón Fernández y Fernández*, não é possível reconstruir o horizonte de expectativas ao qual destinou Néelson de Araújo a novela. Contudo, a novela constitui um texto dialógico que gera simpatia pela personagem que representa e padece a “paixão republicana” e conduz a repudiar os culpados por essa cruel agonia. Não é de estranhar, conseqüentemente, o silêncio tecido em torno à novela pelos reais imigrantes galegos em Salvador e os seus descendentes. Trata-se de um produto literário incômodo, dificilmente aceitável como uma reunião de representações favoráveis para qualquer projeto de reconstrução e exposição da história real desses imigrantes.

O capítulo acrescentado na segunda edição – “A construção do medo”, embora permita o aprofundamento na questão da repressão à liberdade de pensamento e na valorização da ação relativa à defesa da dignidade do ser humano, constitui um anexo à biografia de Don Ramón Fernández e Fernández. O anterior capítulo tinha finalizado com a morte do relojero galego; neste novo capítulo relata-se o que lhe aconteceu a André Pérez, o autor onisciente dos anteriores capítulos. Conseqüentemente na narração predominará agora a primeira pessoa e o protagonista será o próprio autor.

Em “A construção do medo”, o autor dá continuação ao relato do que aconteceu durante sua detenção, no DOPS de Salvador, pelos seus textos como jornalista. Narra que ele foi trasladado ao DOI-CODI¹³ da cidade de São Paulo

¹³ DOI-CODI: siglas do Destacamento de Operações de Informação – Centro de Operações de Defesa Interna, um centro de tortura durante a Ditadura Militar no Brasil (1 de abril de 1964 - 15 de março de 1985).

com a intenção de que, sob tortura, ele dissesse o que ele sabia sobre a articulação das campanhas promovidas pelo movimento comunista liderado pelo estudante Alfaya contra a gestão que o Regime Militar fazia do petróleo no Recôncavo baiano. O autor relata como ele resistiu à tortura; após isso, conta-se como os seus algozes o jogaram em um aterro sanitário no bairro de Canabrava, de onde foi salvo por catadores de lixo. Recuperado, casa, no município de Cachoeira, com Consuelo, amiga de Don Ramón; assim é descrita a natureza dessa união:

Éramos uma galega e um descendente de galegos, livres, sem as peias dos preconceitos de raça, cor ou nacionalidade, não pertencíamos à classe dos que, como ainda hoje acontece, necessitam da aprovação das assembleias familiares, até da colônia, para se unirem. Se bem que meu pai, ao juntar-se à minha mãe Ondina, negra cachoeirana – e procedia de uma maneira inadmissível entre galegos – agira livre também. (ARAÚJO, 1990, p. 95).

Casado, o autor fica a morar em Cachoeira. Don Ramón Fernández consolida-se, para ele, como referente, como um símbolo de retidão na defesa de princípios em torno à justiça social. A lembrança constante de Don Ramón faz com que o autor, redemocratizado o país, vá visitar o delegado Clóvis para lhe perguntar se, enquanto ele esteve por primeira detido, era verdade que Don Ramón estava na prisão e foi executado. O delegado confessa que armaram essa cena para que ele, enquanto estava atordoado pela tortura, acreditasse nisso e, assim, impactá-lo e forçá-lo a depor. O autor fica aliviado ao, finalmente, conhecer a verdade e decide compor uma novela contando a vida do relojero galego; especifica que escolheu esse gênero porque, em uma biografia, a vida extraordinária da personagem pareceria inverossímil.

Três anos após a publicação da segunda edição de *Vida, Paixão e Morte Republicana de Don Ramón Fernández y Fernández*, Néelson de Araújo faleceu. A ausência de fortuna crítica da segunda edição consolidou o silêncio que, no campo cultural, tinha havido no lançamento da primeira edição. O capítulo

acrescentado em 1990 tira o foco da exposição das disposições da colônia galega soteropolitana e centra-se na consolidação da trajetória de Don Ramón como um caso exemplar no proceder de um sujeito; trata-se de um modelo de comportamento – um *habitus* – que é admirado pelo autor fictício, quem, nas suas decisões, mostra que, para alcançar uma vida livre e saudável, é preferível se manter afastado da cidade de Salvador e das normas da colônia galega, aculturando-se no modo de vida do interior da Bahia.

Não cabe especular sobre qual foi o intuito de Néelson de Araújo ao publicar a novela nem dispomos de elementos a partir dos quais poder indicar se ele pretendia satisfazer um determinado horizonte de expectativas. A segunda edição, revista e aumentada, três anos depois do lançamento de *Vida, Paixão e Morte Republicana de Don Ramón Fernández y Fernández*, permite, no entanto, inferir que a primeira foi bem acolhida pelo mercado. Contudo, após o falecimento de Araújo em 1993, esse produto literário ficou fora de catálogo e não gerou fortuna crítica e nem tão sequer a publicação de juízos em torno a ele.

O retrato ácido e incômodo, concebido na ficção, das disposições coletivas da colônia de imigrantes galegos em Salvador entre as décadas de 1930 e 1970 não possibilitou que os assuntos do repertório da obra pudessem ser reivindicados e usados pela real comunidade de imigrantes para a elaboração de imagens positivas em torno a ela, passando a ser uma obra sobre a qual se abateu o silêncio.

REFERÊNCIAS

ALBÁN, Maria del Rosário S. *A Imigração Galega na Bahia*. Salvador: Publicação da Universidade Federal da Bahia, 1983.

ALBÁN, Maria del Rosário Suárez (Org.). *Língua e imigração galegas na América Latina*. Salvador: EDUFBA, 1998.

AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior*. 93. ed. São Paulo: Record, 2006.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARAÚJO, Néelson de. *Três novelas do povo baiano: Vida, paixão e morte republicana de Don Ramón Fernández y Fernández; O império do Divino visto pelos olhos de Pisa-Mansinho; Aventuras de um caçador de arcas em terras, mar e sonho*. Salvador: Ianamá, 1987.

ARAÚJO, Néelson de. *O império do Divino visto pelos olhos de Pisa-Mansinho*. 2. ed. Cidade da Bahia: Edições O ViceRey, 1984.

ARAÚJO, Néelson de. *Vida, Paixão e Morte Republicana de Don Ramón Fernández y Fernández*. 2. ed. revista. Cidade da Bahia: Edições O ViceRey, 1990.

BACELAR, Jeferson Afonso. *Negros e Espanhóis: Identidade e Ideologia Étnica em Salvador*. Salvador: Publicação da Universidade Federal da Bahia, 1983.

BACELAR, Jeferson. *Galegos no Paraíso Racial*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

BACELAR, Jeferson. *Álbum de imigrantes galegos: memória visual de presença galega na Bahia*. Salvador: Livraria Universitária, 1997.

BECK, Susana Marques Dias. *Os andaluzes*. São Paulo: Ed. Moderna, 1980.

BENEVIDES, Lourdisnete Silva. Néelson de Araújo: Um Exílio em Terras Baianas. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Aracajú*, v. 2, n. 50, p. 205-18, 2020.

BOURDIEU, Pierre. *Esquisse d'une théorie de la pratique, précédé de trois études d'ethnologie kabyle*. Genebra: Droz, 1972.

BRAGA, Célia M. Leal. *Os espanhóis em Salvador: análise sociológica das possibilidades de assimilação de um grupo de imigrantes [tese para concurso de professor assistente]*. – FFCH, Universidade Federal da Bahia, 1972.

BRAGA, Célia Maria Leal. *Memórias de Imigrantes Galegos*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995.

BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. *Geografias da presença galega na cidade da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2005.

BROULLÓN ACUÑA, Esmeralda. A presença galega no Rio de Janeiro em meados do século XX: Intra-história, narrativa e representação intercultural. Tradução de Sandra Horta. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 4, p.11-29, 2010. Disponível em: [http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/10/e04_a2.pdf]. Acesso em: 05 fev. 2021.

Carmen López de Araújo (nascida López Pérez), 1915-987; Carmen López Y López. Disponível em: [https://www.myheritage.com.br/names/carmen_1%C3%B3pez%20y%201%C3%B3pez]. Acesso em: 17 fev. 2021.

CASAS, José Luis. *Sucedió en Brasil*. Madrid: Ediciones DYRSA, 1985

-
- DIAS, Eduardo. *Um imigrante e a revolução: memórias de um militante operário (1934-1951)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- DÍAZ, Jorge. *Los números del elefante*. Barcelona: Planeta, 2009.
- EVEN-ZOHAR, Itamar (1997). The Making of Culture Repertoire and the Role of Transfer. Disponível em: [http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/papers/rep_trns.htm]. Acesso em 24 jun. 2020.
- FONSECA, Rubem. *Agosto*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GARCÍA-GUILLÉN, Mario. *Máquinas para o progresso*. Tradução de Lurdeka, revista por Benedito Luz e Silva. São Paulo: Ed. do Escritor, 1975.
- GIMÉNEZ CABALLERO, Ernesto. *Bahia de Todos os Santos e de Todos os Demônios*. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1958.
- GOMES, Alfredo Dias. *O pagador de promessas*. 43 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- GÓMEZ DE OTERO, F.; BURRIEL MUÑOZ, J. *Bahia, orgullo del Brasil: Libro ofrendado al ejemplar Estado de Bahia por sus progresos e hidalguias y dedicado al Ilustre Estadista que rige sus destinos y a la Colonia Española*. Bahia: Imprensa Official do Estado, 1929.
- GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Espanhóis*. Disponível em: [https://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/nossa-gente/espanhois/]. Acesso em: 03 fev. 2021.
- HAZ GÓMEZ, Elena Esperanza; SERRA MARTÍNEZ, Elías. *El Brasil restituído de Lope de Vega*. Brasília: Consejería de Educación de la Embajada de España; Secretaría General Técnica, 2011.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA – INE. Censo Electoral de españoles residentes en el extranjero (CERA). Disponível em: [https://www.ine.es/ss/Satellite?c=Page&cid=1254735793323&pagenome=CensoElectoraI/INELayout&L=0]. Acesso em: 01 jan. 2020.
- LEAL, Geraldo da Costa. *Perfis urbanos da Bahia: os bondes, a demolição da Sé, o futebol e os gallegos*. Salvador: Gráfica Santa Helena, 2002.
- MAFFEI, Eduardo. *A Greve*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- MAFFEI, Eduardo. *A morte do sapateiro: a saga dos anos 30*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- MARTIN, Sebastian Sanchez. *A Imigração Espanhola no Nordeste*. 164 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH, Recife, 1979.
- NÚÑEZ ARCA, P. *Um capítulo esquecido da História do Brasil: Os três Felipes da Espanha que foram reis do Brasil; Reivindicação histórica dos 60 anos do Período Filipino*. São Paulo: Edigraf. 1957.
- PASTOR, Raimundo. *Raboné, de Colono a Professor*. São Paulo: Centro do Professorado Paulista, 1974.

PÉREZ LEIRA, Lois. *Galegos na Bahia de Todos os Santos*. Vigo: Grupo de Comunicación de “Galicia en el Mundo”, 2002.

PIÑON, Nélica. *A República dos Sonhos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1987.

QUINTELA, Antón Corbacho. A produção do símbolo “Cruzeiro do Sul” na Carta do Mestre João. In: IX CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC/ Realizando Travessias, 09., 2004, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Abralic, 2004. 1 CD-ROM.

REAL SOCIEDAD ESPAÑOLA DE BENEFICIENCIA. *Diario Español – Sucesor de La Voz de España*, São Paulo, n. 4.284, 23 mar. 1920. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/217867/per217867_1920_04234.pdf]. Acesso em: 17 fev. 2021.

RODRÍGUEZ BAIXERAS, Xavier. *No Brasil: páginas de um diário*. Salvador: Mar Maior Editorial Galaxia, 2015.

SANTOS, Karla Santa Bárbara; QUINTELA, Antón Corbacho. A representação da heroicidade de D. Fadrique de Toledo na produção teatral castelhana e na épica hispano-americana no séc. XVII. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, 04., 2006, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2007. p. 396-401. 1 CD-ROM.

SILVA, Alberto. El primer emigrante español en Brasil. *Revista de Indias*, Madrid, ano XI, n. 43-44, p. 153-62, 1951.

SILVA, Ives Milena Santos. *Associações de galegos em Salvador: o caso específico do Centro de Estudos de Língua e Cultura Galegas 1995-2002*. 164 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Católica do Salvador. Salvador, 2003.

VARELLA, Drauzio. *Nas ruas do Brás*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.

VIANA, Fabiana Paixão. *A mesa galega na Bahia: a alimentação dos imigrantes galegos e descendentes em Salvador*. 164 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2016. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/20962/1/A_Mesa_Galega_na_Bahia_Fabiana_Paixao_Viana.pdf]. Acesso em: 27 jan. 2020.

VIDAL, Cátia Balbina Lago. *Os galegos na transformação do mercado de trabalho em Salvador*. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC (FCE) (graduação) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Economia, Salvador, 1999. Disponível em: [<http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11995>]. Acesso em: 27 jan. 2020.

VILLARINO PARDO, M. Carmen. *Aproximação à obra de Nélica Piñon. A República dos sonhos: A trajetória de Nélica Piñon no campo literário brasileiro das últimas décadas*. 716 f. Tese (doutorado) – Universidade de Santiago de Compostela. Faculdade de Filologia, Santiago de Compostela, 2000.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 24 de fevereiro de 2021.

Aprovado em sistema duplo cego em: 09 de junho de 2021.